

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



O ESPAÇO DE NECRÓPOLE ROMANA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, LISBOA

Nelson Cabaço¹, Alexandre Sarrazola², Rodrigo Banha da Silva³, Liliana Matias de Carvalho⁴, Marina Lourenço⁵

RESUMO

No nº 84 a 90 da Rua das Portas de Santo Antão foi identificado um espaço de necrópole que vem contribuir de forma muito significativa para o estado atual dos nossos conhecimentos relativo à ocupação romana de Lisboa. Uma abordagem mais específica orientada para as suas práticas funerárias e associadas evidências materiais permite o enquadramento deste contexto nos séculos III a inícios do IV d.C., época de importantes transformações na organização urbana de Olisipo.

Palavras-chave: Olisipo, Necrópole, Período Romano, Séculos III d.C..

ABSTRACT

On the n°s 84 to 90 of Rua das Portas de Santo Antão, in Lisbon, during a building requalification project, funerary contexts of the roman period were identified. Those contexts enclose a remarkable contribution to our knowledge about the roman occupation of Lisbon, especially about the funerary practices. The archaeological materials had allowed us to insert these tombs on the III to early IV cs. A.D., for the most, a period of important transformations of the urban organization of Olisipo.

Keywords: Olisipo, Necropolis, Roman Period, III century A.D..

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da reabilitação do edifício localizado na Rua das Portas de Santo Antão n.ºs 84 a 90, em Lisboa, foram executados pela Era-Arqueologia, tendo permitido a identificação de aterros de cronologia moderna/contemporânea, relacionados com a construção do edifício, importando, convindo ressaltar aqui a deteção de um espaço de necrópole de período Romano, e níveis de escorrência que continham material enquadrável na Pré-história Recente (Figura 1).

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-CRONOLÓGICO

No que respeita a intervenções arqueológicas próximas ao local da presente intervenção, importa refe-

rir, desde logo, as ações de Irisalva Moita motivadas pelas obras de extensão do metropolitano, em 1960, 1961 e inícios de 1962, no Rossio, na Praça da Figueira e noutros locais das imediações (MOITA, 1968). A riqueza dos vestígios arqueológicos desta zona da cidade já era conhecida, uma vez que em 1953 fora identificada a escadaria da Igreja de Todos-os-Santos na loja “Irmãos Unidos”, que se localizava entre a Praça da Figueira e o Rossio. O Hospital Real de Todos-os-Santos, que funcionou entre os séculos XVI e XVIII, foi erigido a partir de 1492 (final do reinado de D. João II) em terrenos obtidos ao Convento de São Domingos, tendo Moita conduzido uma extensa escavação do remanescente entre agosto e setembro de 1960. O acompanhamento das obras na Praça da Figueira prosseguiu, entre 1961 e o início de 1962, pela mão da mesma olisipógrafa (Idem). Em 1961 Moita descobriu no subsolo do Rossio uma

1. Era-Arqueologia; nelsoncabaco@era-arqueologia.pt

2. Era-Arqueologia; alexandresarrazola@era-arqueologia.pt

3. CAL-CML; CHAM-FCSH da UNL e UAç; rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

4. CIAS – Centro de Investigação em Antropologia e Saúde (Universidade de Coimbra); liliana_m_carvalho@yahoo.com.br

5. Era-Arqueologia; mar.lourenco22@gmail.com

estrutura de grandes dimensões de época romana, que só em 1994 seria devidamente identificada como a *spina* do circo de *Olisipo*, aquando do retomar das escavações que lhe exumaram também parte da arena (SEPÚLVEDA, VALE, SOUSA, SANTOS, GUERREIRO, 2002: 245-246).

Entre os anos 1961 e 2002 foi identificada a Necrópole Noroeste de *Olisipo*, dispersa por uma área que abrange desde a Praça da Figueira ao Largo de São Domingos, Encosta de Santana e Calçada do Garcia. Irisalva Moita recolhera, em 1961, de forma avulsa, epigrafia funerária e artefactos provenientes de sepulturas de incineração romanas, tendo-lhe permitido assinalar um total de vinte e seis cremações, para tomar a iniciativa de uma primeira escavação em cinco dias de fevereiro de 1962 (SILVA, 2005: 9-10), uma vez que os trabalhos desenvolvidos até então no quadro da extensão da rede do metropolitano eram somente de acompanhamento (VALE e FERNANDES, 2002: 109-121).

A partir dos inícios de fevereiro de 1962 procedeu-se ao salvamento do remanescente da necrópole romana, agora mediante uma escavação arqueológica, sistemática, dirigida por Ferreira Bandeira (SILVA, 2005: 10). No seguimento destes trabalhos foi possível identificar uma via romana, em torno da qual se organizava a necrópole (SILVA, 2005, 2012). As escavações arqueológicas permitiram ainda a identificação de estruturas de dois monumentos a este da via e de outros compartimentos a oeste, como diversos contextos funerários, de incineração e inumação (Idem).

Entre 1999 e 2001, no âmbito da construção do parque de estacionamento subterrâneo da Praça da Figueira, procedeu-se à escavação integral desta área, trabalhos a cargo do Museu da Cidade de Lisboa sob a direcção de um dos autores (RBS), coadjuvado pontualmente por Marina Carvalhinhos.

Desta escavação resultou a identificação de cinco grandes momentos cronológicos no espaço: o Hospital de Todos os Santos (Época Moderna), a ocupação da Baixa Idade Média, do período de dominação islâmica, os níveis romanos e Antiguidade Tardia e, por fim, da Idade do Bronze Final.

Embora não tenha sido então possível determinar a extensão original da necrópole, a intervenção permitiu entrever um limite mínimo a norte, tendo por base as sepulturas e epígrafes exumadas no Largo de São Domingos nos finais do séc. XIX, e as sepulturas identificadas na Calçada do Garcia, nos meados

daquele século (SILVA, 2002). A sul, a intervenção de 1999/2001 pode apenas comprovar a continuidade do espaço funerário para além da “zona mediana da praça atual”, visto estar circunscrita à estrutura do parque em construção.

Limitada a oeste pelo circo, a necrópole desenvolvia-se em torno da via antes identificada por Bandeira Ferreira em 1962, e de um divertículo para nascente que percorria a meia encosta nascente da Colina de Santana (MURALHA, COSTA e CALADO, 2002), à qual estariam associadas as sepulturas da Calçada do Garcia, bem como outras datadas dos séculos I ao III/IV d.C., reveladas nas escavações da Encosta de Santana em 2002 (Idem) e, depois, aquando da retoma das escavações em 2004 (agradecemos a informação aos responsáveis, Manuela e Vasco Leitão). Este caminho secundário estaria ligado à “Via Norte” na zona do Largo de S. Domingos.

A “Via Norte” seria a linha estruturante da própria necrópole, tendo sido observada uma hierarquização do próprio espaço funerário em função da proximidade a este caminho principal (SILVA, 2005, 2012).

As escavações da Praça da Figueira de 1999-2001 permitiram definir cinco momentos distintos para o período romano e da Antiguidade Tardia, definidos pelo carácter da ocupação do espaço (SILVA, 2005: 38-58):

1ª Fase – a presença dos materiais líticos e cerâmicos é atribuível à Idade do Bronze Final, mas também alguns elementos de cerâmicas atribuíveis à Idade do Ferro e um fragmento de cerâmica campaniense remetem para uma primeira cronologia da ocupação romana do espaço, situável entre o século II a.C. e o segundo terço do século I a.C., já dentro do período de dominação romana de *Olisipo*.

2ª Fase – período de “instalação do primeiro urbanismo alto imperial”, verificando-se uma maior dinâmica na estruturação do espaço, que se caracteriza principalmente com a construção da primeira pavimentação da “Via Norte” de *Olisipo*. Tendo sido identificada outra via, perpendicular à anterior, sendo uma via secundária que serviria mais tarde de acesso ao circo e a outras estruturas, e um muro que delimitaria a Norte esta via de menor entidade, com uma construção semelhante aos primeiros muros encontrados.

3ª Fase – Corresponde aos espaços de utilização funerária intensiva, junto à “Via Norte”, desenvolvendo-se de uma forma estruturada em seu redor. Esta fase equivale ao funcionamento da necrópole “monu-

mentalizada”, causa de um fenómeno de transformação do ritual da morte ocorrido a partir dos finais da República em muitas cidades da Hispânia em finais do período Republicano, mas principalmente no início dos principados dos Júlios-Cláudios, elemento que remete os inícios da necrópole para o principado de Cláudio (SILVA, 2012).

A “Via Norte” seria a linha estruturante da necrópole, à exceção dos sepultamentos junto da “entrada porticada” e do muro. Apesar da inumação ser praticada em *Olisipo* nos finais do século I a.C. e primeiras décadas do I d.C., fenómeno observável na necrópole da Rua dos Correeiros, na “Necrópole NO” da cidade a prática da incineração era aparentemente exclusiva no séc. I d.C. É ainda de referir a utilização constante de alguns edifícios funerários até ao século III d.C.

Num segundo momento, entre os séculos II e III d.C., ocorre um período de acentuação desta monumentalidade na zona da Praça da Figueira, uma ocorrência que tem lugar nas cidades mais romanizadas do ocidente. Ocorre também uma reorientação do troço sul exumado da “Via Norte” (inclinação mais a 30º a NO). É ainda de salientar o encerramento da via secundária com um portão duplo e ferrolhos já no século III d.C., um condicionamento que poderia estar associado à acessibilidade ao circo.

4ª Fase – é um período de “desmonumentalização” da necrópole resultante de ações intensivas e sistemáticas de roubo de pedra, relacionáveis com a construção de um novo sistema defensivo urbano, levando à destruição das arquitecturas funerárias. Tratou-se de um fenómeno rápido, que alguns numismas em estratigrafia permitiram definir o ano de 270 d.C. como data inferior para o seu início, sendo outro indicador de abandono destas estruturas o *bustum* encontrado no centro da via secundária e assinalado com um silhar estucado, exemplo da desativação deste caminho. O espaço continua, todavia, a ser utilizado como espaço funerário, com vários exemplos de cremações e inumações, as últimas amplamente predominantes, provavelmente ao longo do séc. IV d.C.

5ª Fase – esta fase corresponderá ao abandono gradual e lento desta área como espaço de necrópole, numa data imprecisa ainda no século IV d.C. Esta fase da Época Tardo-Romana/Antiguidade tardia corresponderá ainda, nas etapas mais avançadas, ao abandono do próprio espaço da Praça da Figueira, embora tenham sido identificadas seis sepulturas de inumação, maioritariamente de infantis, ainda que

dispersas e dissociadas entre si. A cronologia, destas sepulturas é indeterminável, dada a inexistência de espólio associado.

Nesta última fase se integra ainda a última reforma efetuada à “Via Norte”, a qual terá ocorrido nos finais do séc. IV d.C. ou inícios do século V d.C., de acordo com dois numismas de Arcádio (385-409 d.C.) exumados sob o novo pavimento, em ambos os troços escavados a sul e a norte da Praça. Esta via foi sobreposta por finas camadas areno-argilosas, com poucos materiais, que, contudo, sugerem a utilização do espaço ainda como trajeto viário. Correspondo a toda a área escavada, foi identificada uma unidade estratigráfica uniforme, correspondente a um período deposicional lento, que indicia o momento de definitivo abandono do local, tratando-se do último registo assimilável a estes períodos (SILVA, 2005, 2012).

3. CARACTERIZAÇÃO DO NÚCLEO DA NECRÓPOLE DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO E RITUAL FUNERÁRIO DOCUMENTADO

O espaço de necrópole agora apresentado revelou 9 sepulturas e uma estrutura que possivelmente teria também função funerária.

Do ponto de vista estrutural os contextos funerários podem ser divididos em dois grupos: sepulturas em covacho alongado (Sepulturas 1, 2, 5, 6 e 9) e sepulturas estruturadas (Sepulturas 3, 4, 7 e 8).

No que concerne às sepulturas estruturadas, estas podem ser divididas em: as que possuíam coberturas com *lateres*, a formar duas águas (Sepulturas 3, 7 e 8), e cobertura realizada com pedras de pequena a média dimensão, que cobriam *lateres* dispostos em V (Sepultura 4). Menciona-se, ainda que as sepulturas 4 e 7 apresentavam características das suas paredes internas distintas relativamente às restantes. A sepultura 4 apresentava as paredes totalmente revestidas com um reboco de cal, branco; já a sepultura 7 apresentava as suas paredes revestidas a argamassa, formando uma pequena “caixa”.

No que se refere ao ritual funerário, podemos inferir que 5 dos indivíduos (sepulturas 1, 2, 5, 6 e 9) teriam sido inumados dentro de caixões de madeira, considerando a disposição e a existência de pregos de grandes dimensões no interior das sepulturas, tendo-se o esquife desintegrado ao longo do tempo. A maioria dos enterramentos era acompanhada por espólio votivo, composto por cerâmica comum (ta-

ças, potes, bilhas, jarros), em *Sigillata* clara africana, lucernas (duas destas decoradas), recipientes em vidro, objetos metálicos, entre estes anéis, numismas, agulhas e uma pinça. Este conjunto material permite-nos enquadrar as presentes sepulturas numa época tardia da ocupação romana de *Olisipo*, mais concretamente em pleno século III d.C. ou, pelo mais, atingindo os inícios do IV d.C. Importa mencionar que os materiais votivos apenas estavam presentes nas sepulturas que continham indivíduos adultos.

Todos os indivíduos foram inumados em decúbito dorsal com os membros superiores em extensão ou suavemente fletidos sobre o abdómen, e os membros inferiores em extensão, seguindo uma orientação Sul-Norte ou Sudeste-Noroeste (Figura 2).

4. COMPONENTE ARTEFACTUAL

Os “mobiliários funerários” das sepulturas das Portas de Santo Antão mostram uma diversidade de composição que deriva de critérios complexos e que importa aferir comparativamente no futuro, onde terão jogado o seu papel fatores tais como *status* (social, económico, ...), género, idade, gentilidade ou a identidade cultural e religiosa.

Sendo o momento presente da investigação do *funus* olisiponense ainda precoce para avaliar desta matéria, a “riqueza” de espólio de algumas sepulturas, de que seguirão elementos ainda de carácter preliminar, sugere a presença de alguns indivíduos dotados de relativa capacidade aquisitiva, a despeito da relativa simplicidade da conformação arquitetónica das sepulturas, em especial do aspeto exterior visível na época.

A **sepultura 1** estava acompanhada por um prato em *terra sigillata* clara africana da forma Hayes 50A/B em C1/2. A variante A está associada a cronologias de 230/240 a 325 d.C. (HAYES, 1972: 72), situando Hayes a variante de transição A/B já a partir de inícios do séc. IV d.C. (Idem: 73), o que é desmentido pelos dados de Miróbriga (QUARESMA, 2012: 175), e por um conjunto também estratigrafado de um contexto do último terço da terceira centúria da Rua do Ouro, também em Lisboa (SILVA e VALONGO, no prelo).

Estas datações são consentâneas com o restante do mobiliário, onde pontuava uma deveras peculiar lucerna de canal de muito grande dimensão (com um diâmetro do reservatório de quase 11 cm), em pasta

regional, com a representação provável, mas muito borrada, de uma divindade feminina de corpo inteiro, uma pequena bilha em pasta regional caulínica, assimilável aos típicos fabricos da olaria da Quinta do Rouxinol (Seixal- SANTOS, 2012), um fundo assente em coroa de pezinhos repuxados de um copo em vidro transparente, assimilável a uma “variante do tipo Isings 34” presente em Balsa e Conímbriga, que segundo Jeanette Smith Nolen deverá remeter para o séc. III d.C. (NOLEN, 1994: 174), e uma taça vítrea da forma Isings 96b, em vidro translucido ligeiramente tingido de verde claro, com decoração de círculos na copa executados a buril. A morfologia de taça em vidro decorada, embora originada no séc. II d.C., é recorrente em contextos do séc. III d.C., quando parece haver um maior cuidado no tratamento do bordo, alvo de polimento como é o caso, característica que parece desaparecer no século seguinte (ISINGS, 1959: 115).

Completando os bens deixados junto do defunto, uma moeda em liga de cobre, ainda por tratar, mas que equivale categoricamente a um *Antoninianus*, unidade monetária emitida a partir de Caracala, em 215, e que irá ser substituída durante a reforma monetária promovida pela tetrarquia, a partir de 294 d.C. Neste sentido, a conjugação de todos os elementos autoriza a situar o sepultamento entre dentro do último terço do séc. III d.C., não ultrapassando os finais da última década desse século (Figura 3).

A **sepultura 2** revelou dois recipientes em vidro transparente, dos quais um de pé em bolacha, inclasificável tipologicamente, e partes de um copo enquadável no tipo Isings 32 (ISINGS, 1959: 46), uma lucerna regional de disco (VIEIRA, 2011), revelada no interior de um pote em cerâmica comum regional depositado aos pés do defunto, conjuntamente com uma tigela de bordo em aba e um pequeno jarro no mesmo fabrico. Junto ao joelho direito foi depositado um pequeno objecto de bronze. Altamente significativo é o achado de dois anéis em liga de cobre, um dos quais ainda na falange do indivíduo.

De um ponto de vista da aferição cronológica, o conjunto de materiais da sepultura 2 encontra paralelos em fabricos regionais dos séculos III à primeira metade do IV d.C., o que é válido para as cerâmicas comuns (SANTOS, 2012) e lucerna (VIEIRA, 2011), tendo a decoração em depressões do copo em vidro Isings 32, paralelo num contexto de cremação do séc. III d.C. da Praça da Figueira, todavia ainda inédito (RBS-inf.pessoal).

A **Sepultura 3** revelou um mobiliário constituído por uma agulha em osso, uma pinça em liga de cobre, dois anéis em liga de cobre, um recipiente em vidro muito degradado, inclassificável por isso, um pote biansado de corpo bi-cónico em cerâmica regional e duas tigelas de bordo em aba no mesmo fabrico. De um ponto de vista da aferição cronológica, assume especial relevo uma moeda, um *Antoninianus* ainda em tratamento de conservação, a lucerna regional de disco, com paralelo em exemplares da Praça da Figueira encontrados em sepulturas da Fase III (VIEIRA, 2011), elementos que configuram uma cronologia de novo dentro do séc. III d.C., possivelmente rondando o segundo e o terceiro quartel da centúria (Figura 4).

A **Sepultura 4** proporcionou a identificação de um mobiliário diversificado, em que uma lucerna de disco regional, datável do séc. III d.C. (VIEIRA, 2011) e os restos de um recipiente em vidro transparente se encontravam no interior de um pote de bordo extrovertido em cerâmica comum regional, depositado um pouco distante dos pés do indivíduo. No exterior deste elemento se identificaram um segundo recipiente vítreo, do tipo AR.60/1 (RÜTTI, 1991: 269), e uma tigela em *terra sigillata* clara africana A do tipo Hayes 14C, forma típica do séc. III d.C. (BONIFAY, 2004: 159). As características destes dois últimos elementos situam de forma categórica o sepultamento dentro do séc. III d.C.

A **sepultura 5**, à semelhança da anterior, revelou um pote em cerâmica comum regional depositado na zona junto aos pés, no interior do qual se veio a identificar uma lucerna regional de disco, do séc. III d.C., com paralelos no núcleo da necrópole da Praça da Figueira (VIEIRA, 2011). Juntamente com este elemento se colocaram um recipiente em vidro transparente, um copo do tipo Isings 35 (ISINGS, 1959: 49-50), uma taça em cerâmica comum regional, e um pequeno potinho em pasta regional caulínica, este último assimilável às produções típicas da olaria da Quinta do Rouxinol, e também enquadrável no séc. III d.C. (Seixal- SANTOS, 2012). Duas moedas, encontradas na zona do tórax, do lado direito deste equivaliam a um sestércio ainda ilegível e a um *Antoninianus*, ambos em processo de conservação.

A **Sepultura 6**, repete os rituais de deposição de mobiliário aos pés do defunto anteriores, onde se contava um pequeno objecto em liga de cobre, três potes biansados de corpo bicónico, em cerâmica comum regional, um pote de bordo extrovertido e

uma pequena bilha de boca trilobada no mesmo fabrico. Reforçando a homogeneidade dos conjuntos funerários, um potinho em cerâmica caulínica da já mencionada olaria romana da Baía do Seixal, marca presença. Duas moedas foram encontradas de permissão com as cerâmicas da sepultura, que parecem equivaler a *Antoniniani* (de novo em curso de tratamento), e uma lucerna regional do tipo Dressel 27-28, morfologia recorrente em contextos lisboetas do séc. III d.C. (VIEIRA, 2011) (Figuras 5 e 6).

A **sepultura 8**, violada na Antiguidade, proporcionou somente a identificação de uma taça em cerâmica comum regional, estando ausentes vestígios osteológicos. Contudo, o seu enquadramento e as práticas de sepultamento encontram paralelo nas restantes do conjunto do núcleo das Portas de Santo Antão, como no da Praça da Figueira, sendo provável uma data de entre o séc. II d.C. avançado e a primeira metade do séc. IV d.C., observações de igual modo válidas para os restos muito afetados da inumação praticada com o recurso a esquife a que se atribuiu a designação de **sepultura 9**.

5. ANÁLISE ANTROPOLÓGICA

5.1. Tafonomia

Os agentes de tafonomia tiveram um papel de destaque neste contexto. O sedimento com elevado grau de humidade promoveu a deterioração das peças osteológicas mais frágeis (esqueleto axial) bem como das zonas de maior concentração de osso trabecular, levando à desintegração quase completa de alguns esqueletos, nomeadamente os não adultos das sepulturas 5 e 7. A presença de algumas raízes foi igualmente um fator de agressão para o material. Não obstante, os fenómenos de origem antrópica foram os mais adversos à preservação da necrópole. Obras prévias à atual (edifício adjacente) afetaram as sepulturas 6 e 9 em dois terços da sua totalidade e a construção de uma casa de banho destruiu metade da sepultura 8. Outros fatores diretamente relacionados com os trabalhos de estabilidade e segurança da estrutura do edifício afetaram três sepulturas (3, 4 e 6) cada uma foi perfurada por uma viga de metal e injeção de betão líquido. De um modo geral o material osteológico apresenta um estado de preservação muito fragilizado, nomeadamente os dois não adultos (sepultura 5 e 7), dos quais não foram recuperados mais do que fragmentos osteológicos de dimensão muito reduzida.

Destaca-se neste trabalho a estreita relação entre os trabalhos de construção civil e a arqueologia, tendo sido por vezes efetuado de modo intercalado, devido às limitações impostas pela segurança. O melhor exemplo corresponde ao caso da sepultura 1, que deu início à abertura dos trabalhos e decorreu de modo bastante atípico. Visto que a sepultura se encontrava no limite da parede de um nível bastante superior, e na impossibilidade da sua acessibilidade pelos processos habituais, procedeu-se à abertura de uma “janela” no corte que permitiu uma inusitada definição integral do esqueleto (Figuras 7 e 8).

5.2. Osteobiografia

O perfil biológico da amostra intervencionada revela um número mínimo de oito indivíduos *in situ*, a sepultura 8 encontrava-se desprovida de qualquer vestígio osteológico humano. Destes, dois correspondem a não adultos possivelmente infantes, tendo em conta as dimensões sepulcrais e o estado de desenvolvimento osteológico dos fragmentos conservados, e quatro adultos (FEREMBACH *et al.*, 1980 e MACLAUGHLIN, 1990). As características morfológicas e métricas observadas enquadram quatro indivíduos nos parâmetros correspondentes ao sexo feminino e dois ao sexo masculino (FEREMBACH *et al.*, 1980; SILVA 1995; WASTERLAIN, 2000 e BRUZEK, 2002), figura 3. A estimativa das estaturas apenas foi exequível em dois indivíduos do sexo feminino, um com aproximadamente 151,94±3,56cm e outro com 156,13±3,56cm e num indivíduo do sexo masculino com uma estatura de cerca de 166,03±3,48cm (OLIVIER *et al.*, 1978) (Figura 9).

Neste conjunto as lesões patológicas identificadas são bastante escassas, em grande parte devido ao mau estado do material, facto que condicionou severamente a sua leitura. Foram registadas lesões de entese ligeiras (CRUBÉZY, 1988) em dois indivíduos, o da sepultura 4, na inserção do deltóide do úmero direito e na inserção do ligamento rotiliano-quadrilátero da patela direita e no indivíduo da sepultura 9, na inserção do ligamento rotiliano-quadrilátero da patela esquerda. A clavícula direita do indivíduo da sepultura 4, apresenta na extremidade esternal uma ligeira depressão circular que poderá estar relacionada com algum tipo de distúrbio circulatório (ORTNER, 2003), de referir ainda a presença do carácter discreto, sutura metópica (HAUSER e DE STEFANO, 1989) no crânio do mesmo.

A análise odontológica revela perda de dentes *post-*

mortem nos três indivíduos das sepulturas 1, 3 e 4. O desgaste dentário manifesta-se igualmente nos três indivíduos, com intensidade variável entre os graus 2 e 6 (SMITH, 1984). O tártaro está presente em dois indivíduos, o da sepultura 1, com intensidade média na face bucal e no da sepultura 4, de modo vestigial na linha cimento-esmalte. Encontram-se lesões criogénicas graves apenas no indivíduo da sepultura 1, estando uma delas acompanhada por um quisto periapical. De referir ainda a presença de hipoplasias do esmalte dentário na dentição inferior do indivíduo da sepultura 3.

É imprescindível referir que o estado de preservação do material osteológico, nomeadamente dos indivíduos não adultos, constituiu um forte condicionante para a avaliação dos parâmetros da análise paleobiológica, e que as conclusões aqui apresentadas são apenas fruto do trabalho produzido em campo.

6. DISCUSSÃO

A identificação de um núcleo de sepulturas no edifício com os números 84-90 da Rua das Portas de Santo Antão constitui um contributo relevante para o conhecimento da Necrópole Noroeste de *Olisipo* (SILVA, 2002), por comprovar de forma categórica a extensão para norte do uso funerário dos espaços que ladeavam a “Via Norte” de acesso à cidade.

Deverá notar-se, em Portas de Santo Antão, uma homogeneidade mais do que relativa nas práticas funerárias documentadas, onde o ritual de inumação era exclusivo, e o uso do esquife recorrente. Pelo menos num caso, a estrutura negativa não revelou no seu interior restos do indivíduo, circunstância que pode deter uma explicação de natureza pós-deposicional mas pode também, e em alternativa, traduzir tratar-se de sepultamento cenotáfico.

O estudo dos mobiliários associados aos indivíduos permitiu perceber a razão da similitude do *funus* no núcleo, a índole cronológica das sepulturas reveladas, dado que todas as datáveis se situam dentro do séc. III d.C. Acrescente-se que as práticas encontram bons paralelos em sepultamentos seus contemporâneos da Praça da Figueira onde se utilizou esquife, nomeadamente em E2 e GH2 (vide, neste mesmo volume, CARDOSO, CASIMIRO e SILVA).

Todavia, o fator cronológico revela-se insuficiente para explicar a homogeneidade verificada nas práticas funerárias do núcleo das Portas de Santo Antão, pois na Praça da Figueira se documentou um nú-

mero razoável de cremações do séc. III d.C., de tipo *bustum* ou em deposição secundária, ambas utilizando cistas em tijolo para receber os *ossilegia* (SILVA, 2005). Outros fatores terão, assim, de ser convocados, podendo para já sugerirem-se explicações de índole cultural e/ou de parentesco dos inumados, que só outro tipo de análises poderia sustentar. Na Praça da Figueira, os espaços encontravam-se bem delimitados arquitetonicamente, constituindo recintos e/ou monumentos, dado necessariamente resultarem de parcelamentos e vínculos de propriedade privativa. Esta característica não era tão patente no espaço da Encosta de Santana, tanto quanto se pode ler em função da informação disponível (MURALHA, COSTA e CALADO, 2002), o que é também sugerido na mesma zona pelo lacinismo dos elementos referentes à Calçada do Garcia (SILVA, 2002), visto que nas áreas próximas à via secundária ali identificada se não revelaram estruturas análogas, como também as práticas funerárias parece terem sido bem mais descontínuas, dispersas no espaço. Os dados proporcionados nas Portas de Santo Antão não permitiram esclarecer acerca da organização espacial na qual se integravam os sepultamentos, garantidamente praticados na encosta e com alguma proximidade ao trajeto da “Via Norte”. De facto, os elementos compaginados ao longo do grande eixo viário, recorde-se, do Largo de São Domingos e Praça da Figueira (1961, 1962 e 1999-2001), a que agora se junta o núcleo apresentado, era seguramente de densa utilização funerária na zona da Praça, característica que a amostragem presente sugere agora repetir-se bem mais a norte, permitindo entrever uma apreciável extensão para a Necrópole Noroeste de *Olisipo*, afinal a composição de uma determinada “paisagem cultural” na aproximação ao núcleo urbano romano, “clássica”, e verificar a sua permanência até aos finais do séc. III d.C.

BIBLIOGRAFIA

- BONIFAY, Michel (2004) – *Études sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. Oxford: Archaeopress (Col. *British Archaeological Reports, International Series*. 1301).
- BRUZÉK, Jaroslav (2002) – “A method for visual determination of sex, using the human hip bone”, in *American Journal of Physical Anthropology*, 117: 157-168.
- CRUBÉZY, Eric (1988) – *Interactions entre facteurs bio-culturels, pathologie et caracteres discrets: exemple d’une population médiévale. Thèse de Doctorat*. Montpellier, Université de Montpellier.
- FEREMBACH, Denis, *et al.* (1980) – “Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons”, in *Journal of Human Evolution*, 9(7): 517-549.
- HAYES, John. W (1972) – *Late Roman Pottery*. Londres: British School at Rome.
- Olivier, Gean-Pierre, *et al.* (1978) – New estimation of stature and cranial capacity in modern man. *Journal of Human Evolution*, 7(6): 513-518.
- ISINGS, Clasina (1959) – *Roman glass from dated finds*. Groningen e Jacarta: Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico (col. *Archaeologia Traiectina*, II).
- MACLAUGHLIN, S. M (1990) – “Epiphyseal Fusion at The Sternal End of the Clavicle in a Modern Portuguese Skeletal Sample”, in *Antropologia Portuguesa*, 8: 59-68.
- MOITA, Irissalva (1968) – “Achados de época romana no sub-solo de Lisboa”, in *Revista Municipal*, Ano 19. N.ºs 116-117. Lisboa: pp. 33-71.
- MURALHA, João; COSTA, Cláudia; CALADO, Manuel (2002) – “Intervenções Arqueológicas na Encosta de Sant’Ana (Martin Moniz, Lisboa)”, in *Al-Madan*, 2ª série nº 11. Almada: pp. 245-246.
- NOLEN, Jeannette U. Smit (1994) – *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares Balsa*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português de Museus.
- Olivier, Gean-Pierre, *et al.* (1978) – New estimation of stature and cranial capacity in modern man. *Journal of Human Evolution*, 7(6): 513-518.
- ORTNER, Donald (2003) – *Identification of pathological conditions in human skeletal remains* (2ª ed.). Amsterdam: Academic Press.
- QUARESMA, José Carlos (2012) – *Economia Antiga a partir de um centro de consume lusitano. Terra Sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Miróbriga ?)*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (col. *Estudos & Memórias*, 4).
- RIBEIRO, Inês Sofia Alves (2010) – *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira (Dissertação de Mestrado em Arqueologia)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- RÜTTI, Beat (1991) – *Die Römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst*, vol. II, *Katalog und Tafeln*. Augst: Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft (col. *Forschungen in Augst*, 13).
- SANTOS, César Renato (2012) – *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol (Dissertação de Mestrado em Arqueologia)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- SEPÚLVEDA, Eurico; VALE, Ana; SOUSA, Vítor; SANTOS, Vítor; GUERREIRO, Natalina (2002), A cronologia do circo

de Olisipo: a Terra Sigillata”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.5, fasc.2. Lisboa: pp. 245-275.

SILVA, Ana Maria (1995) – “Sex assessment using the calcaneus and talus”, in *Antropologia Portuguesa*, 13: 107-119.

SILVA, Rodrigo Banha (2002) – “As sepulturas da Calçada do Garcia e o urbanismo de Olisipo”, in *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)*. Almada: Câmara Municipal de Almada (col. *Monografias Arqueologia*), p. 193-205.

SILVA, Rodrigo Banha (2005) – *As “marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): uma contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (séc. I a.C. – séc. II d.C.) (Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, especialização em Arqueologia Urbana)*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais (policopiado).

SILVA, Rodrigo Banha (2012) – *As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa (Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

SILVA, Rodrigo Banha; VALONGO, António (no prelo) – “Ocupação romana na Rua do Ouro”, in *CIRA Arqueologia*, n.º 5. Vila Franca de Xira: Museu e CEAX – Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira.

VALE, Ana; FERNANDES, Lídia (2002) – “Intervenção arqueológica na Praça de D.Pedo IV (Rossio) em Lisboa”, in *Actas do 3º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)*. Almada: Câmara Municipal de Almada, Divisão de Museus (col. *Monografias Arqueologia*), pp. 109-121.

VIEIRA, Vasco Alexandre Correia Noronha (2012) – *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa: contributo para o conhecimento de Olisipo (Dissertação de Mestrado em Arqueologia)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

WASTERLAIN, Rosa Sofia (2000) – *Morphé: Análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana*. Coimbra: Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. [policopiado].



Figura 1 – Localização do Edifício 84 a 90 da Rua das Portas de Santo Antão, Lisboa Excerto de CMP:431 Esc.: 1:25000.

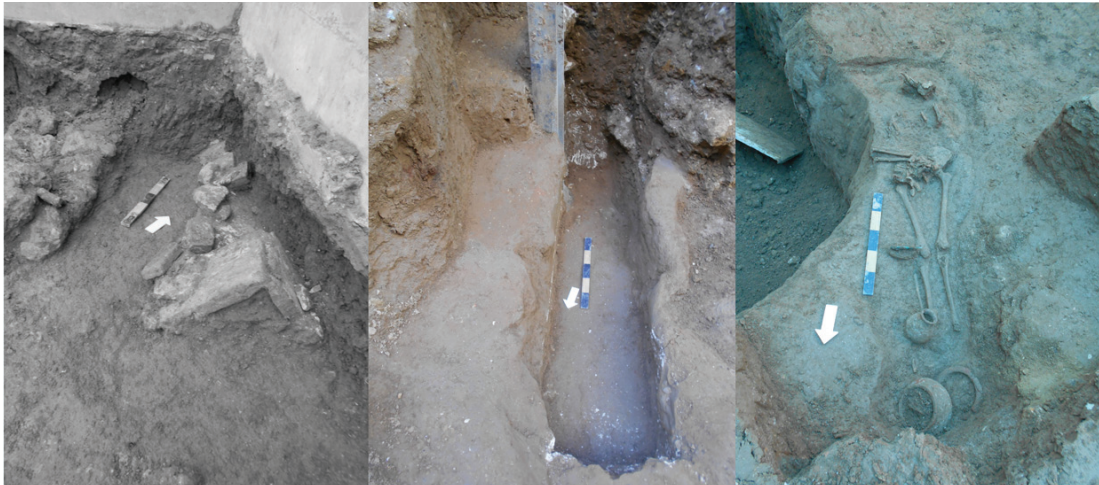


Figura 2 – Tipologia das Sepulturas Estruturadas com cobertura (à esquerda – Sepultura 3 e ao centro – Sepultura 4) e em Covacho (Sepultura 2). Destaca-se ainda a presença de estuque branco nas paredes interiores da Sepultura 4 (ao centro).



Figura 3 – Conjunto votivo da Sepultura 1, destaca-se à direita em cima o prato em terra *sigillata* clara africana da forma Hayes 50A/B em C1/2, em cima ao centro uma pequena bilha em pasta regional caulínica, assimilável aos típicos fabricos da olaria da Quinta do Rouxinol.



Figura 4 – Conjunto votivo da Sepultura 3.



Figura 5 – Conjunto votivo da Sepultura 6.

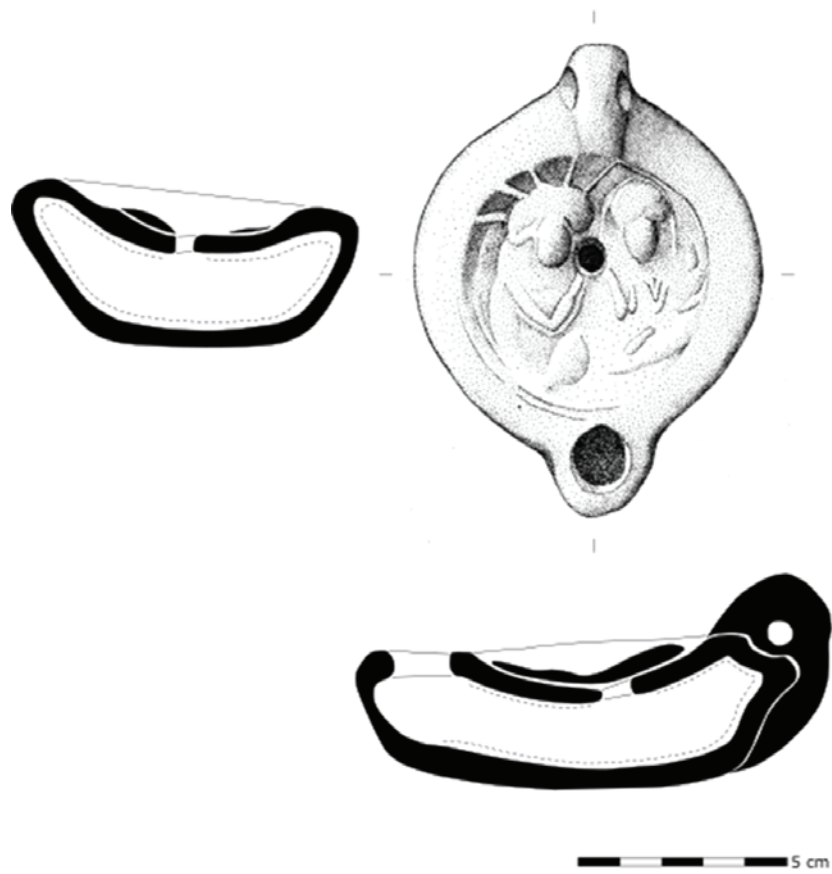


Figura 6 – Estampa de lucerna Dressel 27-28.



Figura 7 – Plano geral do indivíduo [610] da sepultura 1.



Figura 8 – Indivíduo [610] da sepultura 1 *in situ*.

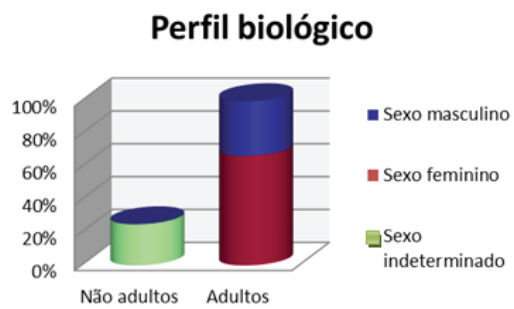


Figura 9 – Perfil biológico da necrópole da Rua das Portas de Santo Antão.



Patrocinador oficial